

CHODERLOS
DE LACLOS

As relações perigosas

Tradução de
DOROTHÉE DE BRUCHARD

Introdução e notas de
HELEN CONSTANTINE



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução e notas © 2007 by Helen Constantine

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Les Liaisons dangereuses

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

CAPA
Alceu Nunes

PREPARAÇÃO
Maria Fernanda Alvares

REVISÃO
Carmen T. S. da Costa
Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laclos, Chordelos de, 1741-1803.

As relações perigosas / Chordelos de Laclos ; introdução e notas de Helen Constantine ; tradução de Dorothée de Bruchard. — São Paulo: Penguin, 2012.

Título original: Les liaisons dangereuses.
ISBN 978-85-63560-50-6

1. Ficção francesa I. Constantine, Helen. II. Título

12-10537

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura francesa 843

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução	7
AS RELAÇÕES PERIGOSAS	25
<i>Cartas adicionais</i>	461
<i>Notas</i>	465
<i>Cronologia</i>	474
<i>Adaptações selecionadas</i>	478

As relações perigosas

*ou Cartas recolhidas
de uma sociedade e publicadas
visando à instrução de outras*

Parte I

CARTA I
DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY
NO CONVENTO DAS URSULINAS DE...

Como vê, minha boa amiga, cumpro com minha palavra, e fitas e toucados não ocupam todo o meu tempo; sempre há de sobrar-me algum para você. No entanto, só no dia de hoje vi mais adereços do que vi nos quatro anos que passamos juntas; e acho que a soberba Tanville* sentirá, em minha primeira visita, quando pretendo chamá-la, mais mágoa do que pensava causar-nos nas vezes em que vinha visitar-nos *en grande toilette*.¹ Minha mãe consultou-me sobre tudo; tem me tratado muito menos como uma pensionista. Tenho agora uma camareira só para mim; disponho de um quarto e de uma saleta, e lhe escrevo num lindo secretário,² de que me deram a chave e no qual posso trancar tudo que quiser. Disse minha mãe que eu iria vê-la todo dia a seu despertar; que, para o almoço, bastava-me estar penteada, já que sempre estaríamos a sós, e que então ela me diria, a cada dia, a que horas deveria ir ter com ela durante a tarde. O restante do tempo está a meu dispor, e tenho minha harpa, meu desenho, e livros, como no convento; com a diferença de que madre Perpétua não está aqui para ralar comigo e que, caso quisesse, poderia ficar sempre à toa: mas como não tenho minha Sophie para rir e conversar, prefiro me ocupar.

* Pensionista no mesmo convento.

Ainda não são cinco horas; só devo encontrar-me com minha mãe às sete: tempo bastante, se tivesse algo para lhe contar! Mas ainda não me disseram nada; não fossem os preparativos que vejo a meu redor, e a quantidade de costureiras que vêm aqui por mim, não acreditaria que estão pretendendo casar-me, e que este é apenas mais um disparate da boa Joséphine.* Contudo, minha mãe tantas vezes me disse que uma donzela devia ficar no convento até casar que, se está me tirando dele, Joséphine deve ter razão.

Uma carruagem acaba de parar à porta, e minha mãe mandou chamar-me em seus aposentos sem demora. E se for este senhor? Não estou arrumada, minha mão treme e meu coração bate forte. Perguntei à camareira se sabia quem estava com minha mãe: “Acho que é mesmo o senhor C.”, disse ela. E ria. Ah! Acho que é ele. Seguramente volto depois para lhe contar o que acontecer. Por enquanto, já tem o nome dele. Não devo fazer-me esperar. Adeus, até daqui a pouco.

Como vai zombar da pobre Cécile! Ah! Fiquei tão envergonhada! Mas você, como eu, teria se deixado enganar. Ao entrar nos aposentos de minha mãe, avistei um senhor vestido de preto, em pé ao lado dela. Cumprimentei da melhor forma que pude, e fiquei ali, sem conseguir me mexer. Pode imaginar o quanto eu o examinava! “Senhora”, disse ele a minha mãe, ao cumprimentar-me, “é uma jovem encantadora, e percebo mais que nunca o valor de sua gentileza.” A essas palavras tão positivas, fui tomada por uma tremedeira tal que não conseguia manter-me em pé; achei uma poltrona, sentei-me, muito vermelha e desconcertada. Mal me tinha sentado, e o homem já estava a meus pés. Sua pobre Cécile então perdeu a cabeça; estava assombrada, como disse minha

* Rodeira do convento. [*Rodeira*: freira responsável pela comunicação com as pessoas fora do convento. (N. ED. ING.)]

mãe. Levantei-me soltando um grito lancinante...; como naquele dia do trovão, lembra? Minha mãe deu uma risada, dizendo: “Ora, o que houve? Sente-se e dê seu pé a este senhor”. Com efeito, minha amiga, o tal senhor era um sapateiro. Não sei lhe dizer a vergonha que senti: felizmente, só estava ali minha mãe. Acho que, depois de casada, não irei mais recorrer a esse sapateiro.

Você há de convir que, com isso, estamos muito bem informadas! Adeus. São quase seis horas e minha camareira diz que devo me arrumar. Adeus, minha cara Sophie; ainda gosto de você como quando estava no convento.

p.s. — Não sei por quem enviar esta carta, de modo que vou esperar que Joséphine apareça.

Paris, neste 3 de agosto de 17**.

CARTA 2
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT
NO CASTELO DE...

Volte, meu caro visconde, volte: o que tem feito, o que tem a fazer em casa de uma velha tia cujos bens todos já lhe foram legados? Venha embora imediatamente; preciso de você. Ocorreu-me uma ideia excelente e gostaria de confiar-lhe sua execução. Essas poucas palavras deveriam bastar; e, muito honrado com minha escolha, deveria você, diligentemente, vir tomar minhas ordens de joelhos; mas você abusa de minhas atenções, mesmo depois de não mais desfrutá-las; e, entre um ódio eterno ou uma indulgência excessiva, para sorte sua, é minha gentileza que se impõe. De modo que consinto em contar-lhe minhas intenções. Só me jure que, cavaleiro fiel, não irá se envolver em nenhuma aventura enquanto não tiver levado

esta a termo. É digna de um herói: você estará servindo o amor e a vingança; será, por fim, mais uma *rouerie** a acrescentar a suas Memórias: sim, suas Memórias, pois quero que um dia sejam publicadas, e me encarrego de escrevê-las. Mas deixemos isso para lá e voltemos ao que me interessa.

A sra. de Volanges está para casar sua filha: ainda é segredo, mas ela ontem me pôs a par. E quem você supõe que ela escolheu para genro? O conde de Gercourt. Eu, prima de Gercourt?³ Quem diria!? Estou tão furiosa... Pois bem! Ainda não adivinhou? Ah, que mente lerdada! Acaso você já perdoou a Gercourt sua aventura com a intendenta?⁴ E eu, não tenho mais motivos de queixa ainda, monstro?*** Mas tenho me acalmado, e a esperança de vingar-me tranquiliza minha alma.

Tantas vezes você, assim como eu, se aborreceu com a importância dada por Gercourt a sua futura mulher, e com sua tola presunção de que irá evitar o inevitável. Conhece suas ridículas prenoções quanto à educação claustral, e seu preconceito, mais ridículo ainda, sobre o recato das loiras. Na verdade, eu seria capaz de apostar que, no que pesem as sessenta mil libras de renda da menina Volanges, ele jamais teria acertado esse casamento se ela fosse morena, ou se não tivesse estado no conven-

* As palavras *roué* e *rouerie*, que as pessoas de bem felizmente começam a deixar de usar, ainda eram muito empregadas na época em que foram escritas essas cartas. [*Rouerie*: um ardil astucioso. (N. ED. ING.)]

** Para compreender esse trecho, há que saber que o conde de Gercourt havia deixado a marquesa de Merteuil pela intendenta de..., a qual, por sua vez, por ele sacrificara o visconde de Valmont; e foi então que a marquesa e o visconde passaram a se relacionar. Sendo essa aventura muito anterior aos acontecimentos tratados nessas cartas, achamos por bem suprimir toda a correspondência referente a ela.

to. Pois vamos provar-lhe que não passa de um tolo:⁵ isso ele sem dúvida ainda será algum dia, não é o que me preocupa; o divertido seria que ele já o fosse desde o começo. Como não iríamos rir, no dia seguinte, ao ouvi-lo se gabar! Porque ele vai se gabar; além disso, se você desse uma vez um trato nessa menina, só por muito azar Gercourt acabaria sendo, como outro qualquer, motivo de chacota em toda a Paris.

De resto, a heroína deste novo romance⁶ merece toda a sua atenção: é realmente bonita; tem apenas quinze anos, um botão de rosa; incrivelmente maljeitosa, sem dúvida, e sem nenhuma afetação: mas isso não é algo que vocês, homens, temam; além do mais, um certo olhar langoroso que realmente promete. Some-se a isso que eu o estarei recomendando; só lhe resta agradecer-me e obedecer.

Receberá esta carta amanhã pela manhã. Exijo que amanhã mesmo, às sete da tarde, esteja em minha casa. Não vou receber ninguém antes das oito, nem mesmo meu atual cavaleiro: ele não tem tino suficiente para um assunto tão sério. Como vê, não me deixo cegar pelo amor. Às oito horas, devolvo-lhe sua liberdade, e às dez, você retorna para jantar com a linda menina em questão, uma vez que mãe e filha virão jantar em minha casa. Adeus, já passa de meio-dia: logo não irei mais me ocupar com você.

Paris, neste 4 de agosto de 17**.

CARTA 3

DE CÉCILE VOLANGES A SOPHIE CARNAY

Não sei de nada ainda, minha boa amiga. Minha mãe recebeu ontem muitas pessoas para jantar. Apesar de meu interesse em observar, principalmente os homens, muito

me aborreci. Homens e mulheres, todos me fitavam bastante, e então cochichavam entre si; percebia claramente que falavam de mim, o que me fazia corar. Não conseguia evitar, e bem que eu gostaria, pois reparei que, quando fitavam as outras mulheres, elas não coravam; ou talvez o ruço que elas usam dissimule o rubor causado pelo acanhamento; uma vez que deve ser bem difícil não corar quando um homem nos encara fixamente.

O que mais me preocupava era não saber o que pensavam a meu respeito. Creio ter escutado, duas ou três vezes, a palavra *bonita*; mas escutei claramente a palavra *maljeitosa*; e deve ser mesmo verdade, pois a mulher que falava assim é parente e amiga de minha mãe; parece, inclusive, ter logo se tomado de amizade por mim. Foi a única pessoa que conversou um pouco comigo. Amanhã vamos jantar em casa dela.

Também escutei, após o jantar, um homem dizendo a outro, e tenho certeza de que falava de mim: “Há que deixá-la amadurecer, no inverno veremos”. Talvez fosse aquele que deve casar-se comigo; mas, nesse caso, já seria dentro de quatro meses! Queria muito saber algo a respeito.

Acaba de entrar Joséphine, e diz que está com pressa. Mas ainda quero lhe contar mais um de meus maus jeitos. Ai, acho que aquela senhora tinha razão!

Após o jantar, puseram-se a jogar. Sentei-me junto de minha mãe; não sei como aconteceu, mas peguei no sono quase imediatamente. Acordei com uma sonora gargalhada. Não sei se era de mim que estavam rindo, acredito que sim. Minha mãe me autorizou a retirar-me, para minha imensa alegria. Imagine, já passava das onze horas. Adeus, minha cara Sophie; continue amando muito a sua Cécile. Asseguro-lhe que a sociedade não é divertida como pensávamos.

Paris, neste 4 de agosto de 17**.

CARTA 4
VISCONDE DE VALMONT À MARQUESA
DE MERTEUIL EM PARIS

Suas ordens são encantadoras; sua maneira de dá-las é mais amável ainda; você seria capaz de fazer apreciar o despotismo. Não é a primeira vez, como sabe, que lamento não ser mais seu escravo; e por mais monstro que diga que sou, nunca relembro sem prazer o tempo em que me gratificava com mais doces apelidos. Não raro, sinto inclusive o desejo de voltar a merecê-los e acabar dando ao mundo, com você, um exemplo de constância. Interesses mais largos nos chamam, porém; nosso destino é conquistar; cabe a nós cumpri-lo: quiçá ainda nos encontremos no fim da carreira; pois, digo isso sem querer aborrecê-la, mui bela marquesa, seus passos são, no mínimo, parelhos com os meus; e desde que, separando-nos para a alegria geral, vimos pregando a fé cada um por seu lado, quer parecer-me que nesta missão amorosa você angaria mais prosélitos que eu. Conheço seu zelo, seu ardente fervor; e, se nos julgasse Deus por nossas obras, você seria algum dia a padroeira de uma grande cidade, ao passo que esse seu amigo seria, quando muito, o santo de alguma aldeia. Esta linguagem mística a surpreende, não é verdade? Ocorre que há uma semana não escuto nem falo nenhuma outra; e é para aperfeiçoar-me nela que me vejo forçado a desobedecer-lhe.

Não se zangue, e escute-me. Depositária de todos os segredos de meu coração, vou confidenciar-lhe o maior plano que já concebi. O que me sugere? Seduzir uma moça que não viu nada, nem conhece nada; que, por assim dizer, me seria entregue sem defesa; que uma primeira homenagem não deixará de embriagar, e que a curiosidade talvez conduzisse mais rapidamente que o amor. Vinte homens poderiam bem suceder como eu. O mesmo não se dá com o projeto que me ocupa; seu êxito me asse-

gura tanta glória quanto prazer. O próprio amor que tece minha coroa hesita entre o mirto e os louros, ou melhor, há de juntar a ambos para honrar meu triunfo.⁷ Você mesma, bela amiga, será tomada de um santo respeito, e dirá, entusiasmada: “Aí está um homem a meu gosto”.

Você conhece a presidenta Tourvel, sua devoção, seu amor conjugal, seus princípios austeros. Eis aí o que vou atacar; eis aí o inimigo a minha altura; eis aí o objetivo que pretendo alcançar;

*Et si de l'obtenir je n'emporte le prix,
J'aurai du moins l'honneur de l'avoir entrepris.**

É permitido citar versos ruins, quando são de um grande poeta.⁸

Pois saiba que o presidente se encontra na Borgonha, por conta de um processo de peso (espero fazê-lo perder outro, mais importante). Sua inconsolável metade deverá passar aqui todo o período dessa aflitiva viuvez. Uma missa diária, algumas visitas aos pobres do cantão, orações de manhã e de tarde, passeios solitários, piedosas conversas com minha velha tia e, vez ou outra, um melancólico *wisk*, deveriam ser seu único entretenimento. Preparo-lhe outros, mais eficazes. Meu anjo bom me trouxe até aqui, para alegria dela e minha. Insensato, lamentava as vinte e quatro horas que ia sacrificar em civildades de praxe. Como me puniria agora quem me obrigasse a voltar para Paris! Felizmente, são precisas quatro pessoas para jogar *wisk*; e, como por aqui se encontra apenas o pároco do lugar, minha imortal⁹ tia insistiu muito para que eu lhe sacrificasse alguns dias. Imagine se não consenti. Você não faz ideia de como tem me mimado desde então, de como, mais que nada, sente-se en-

* La Fontaine. [E se não lograr o prêmio de alcançá-lo, / Terei pelo menos a honra de ter tentado. (N. T.)]

levada ao ver-me assistir regularmente à missa e a suas orações. Não desconfia de qual Divindade eu adoro.

Cá estou, portanto, há quatro dias, entregue a uma forte paixão. Você sabe como desejo intensamente e como devoro os obstáculos: mas desconhece o quanto a solidão aumenta o ardor do desejo. Tenho apenas uma ideia; de dia penso nela, sonho com ela à noite. Preciso possuir essa mulher, para evitar o ridículo de apaixonar-me por ela: pois até onde não nos leva um desejo contrariado? Ó delicioso gozo! Imploro-lhe para minha felicidade e, sobretudo, para meu sossego. Que sorte a nossa as mulheres se defenderem tão mal! Ou não passaríamos, junto delas, de tímidos escravos. Sinto, neste instante, um sentimento de gratidão pelas mulheres fáceis, que naturalmente me traz a seus pés. Prosterno-me diante deles a fim de obter meu perdão, e assim concluo esta carta demasiado extensa. Adeus, belíssima amiga: sem rancor.

Do castelo de..., 5 de agosto de 17**.

CARTA 5
DA MARQUESA DE MERTEUIL
AO VISCONDE DE VALMONT

Sabia, visconde, que sua carta é de uma rara insolência, e que eu bem poderia zangar-me? Mostra-me, porém, claramente que perdeu a cabeça, e só isso é que o salvou de minha indignação. Amiga generosa e sensível, esqueço minha injúria para só cuidar de seu perigo; e por mais tedioso que seja chamar alguém à razão, cedo à necessidade que você tem disso neste momento.

Você, possuir a presidenta Tourvel! Que capricho mais ridículo! Reconheço aí sua cabeça-dura, que só sabe desejar o que julga não poder conseguir. O que tem essa mulher, afinal? Feições regulares, concedo, mas

nenhuma expressividade; um corpo sofrível, mas sem nenhum encanto: sempre vestida de forma risível, com tantos fichus a cobrir-lhe o colo e o corpete a subir-lhe até o queixo! É como amiga que lhe digo: basta-lhe uma mulher como essa para perder todo o seu prestígio. Lembre-se do dia em que ela fez a coleta na Saint-Roch, e você me agradeceu por ter lhe proporcionado esse espetáculo. Ainda posso vê-la, dando a mão àquele varapau de cabelos compridos, quase caindo a cada passo, suas anquinhas de quatro arcos sempre a roçar a cabeça de alguém, e enrubescendo a cada reverência. Quem teria imaginado, então, que você um dia iria desejar essa mulher? Vamos, visconde, enrubesça por sua vez e caia em si. Prometo guardar segredo.

Além disso, pense só nos dissabores que o esperam! Que rival teria a combater? Um marido! Não se sente humilhado a essa simples palavra? Que vergonha, se fracassar! E que pouca glória haveria, aliás, em ser bem-sucedido! Digo mais: não espere daí prazer algum. Existe prazer com as virtuosas? Refiro-me àquelas de boa-fé: reservadas mesmo no fundo do prazer, não proporcionam mais que semigozos. Essa total entrega de si mesmo, esse delírio da volúpia em que o prazer se depura pelo excesso, esses bens do amor, elas desconhecem. Escute o que lhe digo: na mais feliz das hipóteses, sua presidenta julgará já ter feito tudo por você ao tratá-lo como marido, e mesmo no mais terno tête-à-tête conjugal, sempre se continua sendo dois. Nesse caso, pior ainda: sua virtuosa é uma devota, com essa devoção de comadre que condena a uma infância eterna. Você talvez ultrapasse esse obstáculo, mas não tenha a pretensão de destruí-lo: vencedor do amor a Deus, não irá vencer o medo do Diabo; e quando, com sua amante nos braços, sentir palpitar seu coração, será de medo, e não de amor. Quem sabe, se tivesse mais cedo conhecido essa mulher, talvez pudesse ter lhe ensinado alguma coisa; mas ela está com vinte e dois anos, e há

quase dois está casada. Acredite, visconde, quando uma mulher se acomodou a esse ponto, há que abandoná-la a sua sorte: nunca passará de uma coitada.

E é por esse belo motivo que você se nega a me obedecer, que vai se enterrar nesse mausoléu de sua tia, e renuncia à aventura mais deliciosa e mais própria a honrar seus talentos. Por que fatalidade tem sempre Gercourt de manter uma vantagem em relação a você? Veja bem, digo isso sem nenhuma irritação: nesse momento, estou tentada a acreditar que você não merece a reputação que tem; estou sobretudo tentada a retirar a confiança que lhe tenho. Jamais poderei me habituar a contar meus segredos ao amante da sra. de Tourvel.

Saiba, no entanto, que a menina Volanges já virou a cabeça de alguém. O jovem Danceny é louco por ela. Eles cantaram juntos, e ela, de fato, canta melhor do que cabe a uma pensionista. Eles devem ensaiar muitos duetos, e creio que de bom grado ela se prestaria a um unísono. Mas Danceny é um menino que vai perder tempo a falar de amor sem nada concluir. A mocinha, por sua vez, é um tanto arisca; e, seja como for, isso tudo será bem menos divertido do que você teria sabido torná-lo; de modo que me sinto irritada, e vou decerto ralhar com o cavaleiro quando ele chegar. Ele que saiba se manter calmo, pois, no momento, não me custaria romper com ele. Tenho certeza de que, tivesse eu o tino de abandoná-lo agora, seria para ele um desespero; e nada me diverte tanto como um desespero amoroso. Ele me chamaria de pérfida, e essa palavra, pérfida, sempre me agradou; é, depois de cruela, a palavra mais doce aos ouvidos de uma mulher, e a menos difícil de merecer. É sério, vou tratar desse rompimento. Veja só o que você causou! De modo que deixo isso para sua consciência. Adeus. Recomece-me às orações de sua presidenta.

Paris, neste 7 de agosto de 17**.